

O Gaiato

PORTE
PAGO

Quinzenal - 11 de Março de 1971 - Ano XXVI - N.º 913 - Preço 25,00

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Os anos do nosso jornal

Nosso! Apetecia-me sublinhar nosso, porque o penso na perspectiva universal de posse que nos reúne a quantos, com muito amor, o fazem também seu. É o carácter essencial que explica o êxito de O GAIATO e realiza a sua missão de fermento.

Nenhum dom se consuma se não for aceite. Sem a aceitação activa que os Leitores lhes prestam, as pobres letras que, quinzenalmente, temos o dever de imprimir, jamais conseguiriam o efeito de conversão que, todavia, se não pode negar. Nós acreditamos no Espírito Santo. Só mediante Ele se pode compreender a revolução pacífica operada ao longo dos trinta e cinco anos que neste número se celebram. Revolução que Ele faz na alma de quem Lha abre em desejo sincero de mudança de vida. O fermento é pouca coisa perante a massa que leveda. Quem o lembra ao saborear o pão que come? Em si mesmo até é mal saboroso! Assim a nossa parte na realização deste pequeno jornal que outros proclamaram «Famoso». Ao escrevê-lo, sempre nos domina uma sensação de desencanto. É dolorosamente que o geramos na ânsia de acrescentarmos o mundo de uma presença que provoque ao amor.

Talvez por isso, só por isso, Deus lhe ponha a virtude que ele não tem de si próprio, que não recebe de nós próprios, mas começa nos olhos dos Leitores e deles lhe sobe à inteligência e desce ao coração.

Deus irradia a Sua luz de modo misterioso. Não é preciso que o profeta saiba dizer mais do que a-a-a, para ser porta-voz da Palavra do Senhor. Não recalitre, se chamado, porque, como o alti-falante que, transmitindo a multidões o que só numa pequena roda podia ser ouvido, não sabe o que por ele é dito, também o Servo de Deus é instrumento, apenas instrumento, e válido na só condição de se libertar de si mesmo. A carne pode equivocar. Mas a verdade é que não é ele quem fala. A Palavra passa por si. Sómente. Desígnios de Deus!

Entre a Colaboração dos Leitores que, conforme o costume de muitos anos, é o cerne deste número de aniversário, vai uma voz dissonante. Saibam todos que, naturalmente, estranhámos menos essa do que as outras vozes. Estranharíamos menos, se estas outras vozes não louvassem o Único que é digno de louvor e não exprimissem a sua congratulação pelas maravilhas que Ele opera. Saibam todos

— e não é a primeira vez que o afirmamos — que entre todos os bens que Pai Américo haveria de deixar em nossas mãos, o que mais nos afligia era O GAIATO. Humanamente falando, é exacto. Nem o hábito de vinte e dois anos passados com esta responsabilidade sobre os ombros dissipou o tremor que ela nos produz. Mas temos que resistir à tentação de um horizonte humano. O jornal é nosso, é para nós, é por todos nós que o escrevemos, obreiros de dentro e de fora. Ele é uma voz profética, mas o carisma não é exclusivo de ninguém. É o Povo de Deus — este sim, carismado no seu conjunto e fundamento da Fé crescida

e enriquecida ao longo dos séculos da Igreja de Cristo — é ele que fala, por nós e por vós, Leitores, é ele que diz, em nome do seu Senhor, a Verdade que fere e purifica com o próprio sangue que faz.

«Revolucionário», sim, de revoluções interiores, pois é para o Homem a Salvação; e é nele e por ele que Ela se consuma. Não é, nem quer ser, revolucionário contra ninguém. Contra, sómente, os «inimigos do Homem»: o seu orgulho — pecado capital da inteligência; o seu egoísmo — raiz de tantas fraquezas da vontade; a concupiscência da riqueza, do poder e dos prazeres — loucuras de uma carne ferida e de um espírito toldado pela queda original.

Quando o Homem se vence, o mundo conhece uma vitória. Não há arti-

fícios, não há estruturas nem sistemas que possam substituir a estratégia de reconquista do paraíso perdido, que a misericórdia de Deus re-tornou possível em Cristo. Estratégia difícil, lenta, sem o brilho de resultados de massa, pois a liberdade do Homem é inviolada por Deus e o «paraíso terreal» não é mais uma meta, mas um limite cuja tendência se deve procurar com toda a nossa alma, sabendo, contudo, que se passará ao lado, a caminho do Paraíso. Esta é a Verdade que Deus revelou definitivamente em Cristo. Esta a revolução que O GAIATO abraça: Homens em busca incessante da perfeição patenteada em Jesus de Nazaré («O que amou até ao fim») para um mundo sempre mais perfeito.

Padre Carlos

AQUI, LISBOA!

«Os nossos, se às vezes invocam o nome de Mãe, é por instinto, que não por amor. Eles não as têm, ou se têm não as conhecem, ou se conhecem, elas abandonaram-nos.» (Pai Américo)

No Ano Internacional da Criança é um imperativo falar da Mãe, quer dizer: da Mulher. Sem o respeito pela dignidade desta e a tomada de consciência por si própria da sua importância e da sua responsabilidade, estarão em causa os direitos dos filhos. Sem menosprezar o papel e o valor do homem, que a seu tempo abordaremos, sobretudo como pai, importa hoje alinhar aqui ligeiras observações sobre o tema.

Ver na mulher um instrumento de prazer, coisificá-la, ver nela uma criada para todo o serviço é, desculpem-nos a expressão, considerá-la uma fêmea, é um ultraje à dignidade humana. A visão machista do sexo feminino, ainda presente em certos sectores, deve ser banida se queremos uma sociedade mais justa, famílias equilibradas e, logo, a defesa da criança.

A igualdade de direitos do homem e da mulher, porém, quer significar apenas igualdade de dignidade. Não pode esquecer a diversidade física e psicológica. Homem e mulher são com-

plementares e a ambos competem responsabilidades específicas. Ambos se completam e, em relação aos filhos, têm a desempenhar funções insubstituíveis.

Dum machismo incrível e inacreditável passou-se, sobretudo nos últimos tempos, a um feminismo destruidor da dignidade da mulher nos seus mais variados aspectos. A igualdade de direitos, repetimos, não anula a diversidade de comportamentos entre homens e mulheres. Masculinizar a mulher, em nome de uma falsa libertação, é ofendê-la no seu ser, como feminizar o homem é truncá-lo.

É preciso que a mulher tenha a consciência da sua própria grandeza e não se deixe embalar pelos falsos profetas que a procuram instrumentalizar ao serviço de forças políticas ou de grupos demolidores das estruturas sociais. Os ataques que lhe dirigem e as falsas libertações oferecidas mais não são do que tentativas desesperadas para a subverter, sabi-

Cont. na QUARTA pág.



COLABORAÇÃO DOS LEITORES

O «FAMOSO»

«Aproveito para vos dizer que tenho que trabalhar muito por ter, graças a Deus, onze filhos e enormes responsabilidades profissionais; mas mesmo assim consigo normalmente tempo para ler O GAIATO. Nele encontro a paz e o exemplo das coisas simples que aprazem ao Senhor e são a vossa vida e as vossas preocupações, a vossa alegria e os vossos desgostos. Com o que escrevem fazem um apostolado cuja profundidade talvez não avaliem. Muito obrigado pela parte que me toca.»

«Gosto da vossa Obra, gosto dos vossos rapazes e gosto do vosso jornal.

Aproxima-se uma linda quadra, o Natal! Mas para quem vive no mundo amando o Mestre e tentando imitá-lo, dia-a-dia, na dor, na alegria, nos sofrimentos, na saúde, nos trabalhos, nas desilusões, vê nele algo de maior. São 365 dias que se seguem! As crianças precisam de comer, de se agasalhar, de serem vigiadas espiritualmente e fisicamente. Os velhinhos, os que não têm lar nem assistência, os que sofrem nas cadeias e nos hospitais, santo Deus!, que mar de injustiças! A maior parte dos homens ignora o que significa «Amar a Deus sobre tudo e ao Próximo como a nós mesmos». Peça a Deus, Padre, por todo o Mundo. Eu rezo assim. E que Ele nos oiça!»

«Leio O GAIATO como quem lê o Evangelho, cujo espírito tão fielmente procura traduzir. E só quisera que as luzes e sentimentos que me desperta tivessem correspondência em obras.

Deus vos dê ânimo para continuardes sem desfalecimento. Assim há-de ser, que essa Obra é do Senhor. E bem hajam pela inquietação que me suscitam.»

«Dada a grande satisfação espiritual e mística que nos dá a leitura de O GAIATO, que é lido na íntegra com grande repouso e sublimação espiritual, sentindo-me também iluminado pela Graça que o Espírito Santo, através do saudoso Padre Américo nos deixou, mesmo nestes momentos de tanta ansiedade, junto envio um cheque para renovar a minha assinatura e que Deus vos acompanhe e recompense pela grande obra que a cada

um dos portugueses continuais a prestar.»

«Só hoje, ao ler O GAIATO, me dei conta de que não agradei ainda o envio do 2.º vol. do «Doutrina». Ali anda, em cima duma mesinha, em vez de ir para a estante, à espera de que eu tenha tempo e calma para o saborear.

Achei graça a uma carta de um professor da capital que diz estar à espera dumas férias. Também sou professora, sei como é. E, como ele, levo sempre o jornalzinho para o Liceu, deixo-os pela sala dos professores e pela biblioteca, numa «disfarçada» ou «escondida» propaganda... Mas também me tenho servido deles, juntan-

do um bom número, para motivar em algumas aulas de português, redacções sobre o amor que ainda existe neste mundo, apesar de tudo. Começo por perguntar aos pequenos o que vêm nas notícias dos jornais e da televisão: «guerras, mortes, assassinatos, etc.» Pois então procuremos notícias sobre o amor, a fraternidade, a caridade. «Vejam se encontram alguma coisa nesses jornais.» Procuram, lêem, escrevem. Falamos nas Casas do Gaíato. Pena que não haja aqui nenhuma. Tantos jovens transviados a precisarem de «pais» e «irmãos!»

«Assim que chega o «Famoso», é devorado de uma ponta à outra! Por

Correspondência de Família

«Vão sendo horas de dar sinal de vida e de deitar para trás das costas a preguiçite que se vem apossando de mim, neste capítulo, há uns pares de meses. Por cá, tudo famoso, cheios de saúde, graças a Deus. A Cristina tem andado por Coimbra e Figueira da Foz, em casa de família, matando saudades do tempo que antecedeu a chegada do papá, já que a mamã, com o trabalho, nessa altura não tinha tempo para aturar os dois. O Ricardo está aqui a meu lado, chelo de vida e gorducho, saltando os «maples», subindo cadeiras, acendendo e apagando as luzes, eu sei lá, dizendo que os seus 19 meses estão bem empregues. Só ra fala é que já devia estar mais adiantado. No entanto, para verificar o lindo aspecto deles, aí vai uma foto dos meus amores pequeninos, com mil beijinhos deles.

No dia da Festa no Monumental apanhei P.e Zé e consegui que ele viesse a casa deste Zé, acompanhado do Ernesto Pinto, Quim do Porto e mais uns três rapazes de Setúbal. Abriu-se um «Vat 69» e todos beberam. Mas não se atrapalhe que quando por aqui aparecer há mais para abrir.

A abrir o programa da Festa, ouvi a voz do Pai Américo muito «fanho-

sa» e recordei velhos tempos, inclusive aquele em que ele, após mais um Terço e antes do seja louvado N. S. J. C. da praxe, de mãos atrás das costas, chamou o «Fabião» e o «Relhas» e, após me perguntar a idade (12) e ao «Relhas» (14) adicionou rapidamente e disse: — «26 anos para a tipografia. Segunda-feira apresentam-se ao Júlio Mendes». Faz neste Verão um quarto de século, o que quer dizer que já tenho 37 em cima do pêlo e bem contadinhos. Quanto à Festa, correu bem e como era a primeira a que assistia por estas paragens, receava que este povo fosse frio, mas felizmente enganei-me.

E por hoje fico por aqui. Saudades para toda a rapaziada. Beijos do meu casalinho lindo e aquele abraço do casal feliz.»

«Com grande alegria vos digo que estou a trabalhar como padeiro, pois foi o que se arranjou. Já fui gaiato em Benguela e devido aos acontecimentos, cá vim parar, sem nada e sem família alguma. Tenho escrito várias vezes para Benguela e não consigo resposta. Pois gostaria de saber, se é que aí sabem, se o nosso que-

mais ocupada que esteja, nunca lhe resisto! E aprende-se tanto com ele!

Também ando a saborear o «Doutrina» que tenho na mesa de cabeceira e vou meditando todas as noites.

Se os homens vissem o Evangelho, como este mundo seria belo! Mas temos que trabalhar para isso e pôr o melhor do nosso esforço e toda a nossa fé, na conquista dos irmãos transviados.»

«Eu queria perguntar o que devo fazer a um monte de jornais que tenho cá e não os quero deitar fora ou não sou capaz de os deitar fora; tenho-os como uma relíquia, uma coisa religiosa. Eu já me lembrei de os mandar para aí para encadernar, mas isso ficaria muito caro, além disso eu já não tinha paciência para começar a ler isso tudo de princípio e para os cá deixar quando morrer, os que cá ficam podem não ligar importância nenhuma.»

rido Padre Manuel António se encontra bem? E também o Júlio da Silva que estava na Casa de Malanje, pois gostaria de lhe escrever e recordar alguns números do teatro para ver se ainda se lembra de mim.

Caros irmãos, com estas simples linhas, termino, pedindo que me continuem a mandar O GAIATO para melhor saber das vossas notícias. Desculpem a «migalha» que vai desta vez, pois para a próxima será melhor. Termino com um grande e saudoso abraço deste como muitos outros gaiatos já esquecidos mas que estimam Pai Américo e a sua Obra.»

«Gostaria imenso de ser assinante de O GAIATO, já que agora não o tenho como o tive durante onze anos em que permaneci na Casa do Gaíato de Setúbal. Quando interno, lla-o como distracção, agora sinto necessidade de o ler pois que onze anos gravaram algo em mim, algo como o renascer de um corpo.

Fui cronista por várias vezes, pois gostava de contribuir para o preenchimento de mais uma página e, acima de tudo, gostava de dar aos leitores a presença de Setúbal, coisa que se torna tão raro.»

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

«Pendoem-me, pois isto não é uma carta, é quase um «testamento»! E, por mais estranho que pareça, foi motivada por uma cadelinha que dá pelo nome de «Pequenina», pois é esse o seu tamanho.

Os seus donos são pessoas de poses modestas e fizeram-lhe uma cabana onde o frio e a chuva entram quase livremente pelas fendas e buracos.

Ora eu gosto de animais. Não suporto que os maltratem e confrangem-me vê-los sofrer. Tive dó e resolvi comprar-lhe uma barraca. Mas — oh surpresa! — pediram-me um conto e duzentos! Julgando haver exagero no preço, resolvi eu mesmo construí-la, mas maior surpresa me aguardava ainda, pois já gastei para cima de um conto e quinhentos sem contar com o custo das ferramentas!

Ora eu nunca exerci profissão manual e já passei dos 75 anos de idade. Não admira, pois, que a vista seja fraca e as mãos inseguras. Mas a força de vontade e a perseverança tudo vencem e lá cheguei ao fim e, naturalmente, a casota mostra todos os defeitos de uma obra de construtor manhoso. Depois, fui entregar-me ao meu passatempo predilecto — a leitura — em que o O GAIATO tem justa primazia. No n.º 909, na coluna «AGORA», leio a carta daquele operário sobre o angustiante problema da habitação e... caio em mim! — Como foi possível dar primazia ao bem-estar de um animal e esquecer os meus irmãos que vivem em condições ainda abaixo de cabana de cão? Que se passa em mim?! De algum modo, o homem é o produto do ambiente em que vive. Será caso de eu já estar atacado do «virus» que corrói a sociedade: a corrupção dos costumes? A perversão da Justiça? A inversão dos valores morais? Ocorreu-me o que, há cerca de sessenta anos, me dizia um velho professor: — «Dos bens que disfruta-

mos, somos mais administradores do que seus reais possuidores, pois só pelo nosso trabalho nunca os poderíamos ter adquirido. Foi precisa a ajuda de Deus. Como bons administradores, dividiremos esses bens em dois quinhões. Um relativo à importância que atribuímos à ajuda de Deus. O primeiro quinhão é nosso, legítimo. O segundo pertence aos Pobres, que são, na terra, a presença de Jesus Cristo, a quem, infelizmente ainda hoje, constantemente crucificamos, pela nossa negligência, abandono e esquecimento de todos os que sofrem. Será pela justiça com que dividirmos os bens e pelo valor que atribuímos ao quinhão de Deus que seremos avaliados no Juízo Final».

Novos Assinantes de O GAIATO

«Falando com pessoa amiga sobre a vossa Obra, contou-me ela que à empresa onde trabalha ia regularmente um gaiato e que muitos colegas, para além dela, compravam o jornal. Mas, a partir de certa altura tinham sido impedidos de lá entrar!

A inquietação que me leva a procurar aproveitar todas as oportunidades de arranjar novos assinantes, levou-me a convencê-la a falar com esses colegas para assinarem O GAIATO, tarefa que se prestou a desempenhar com muita satisfação.

Assim, foi com imensa alegria que recebi, dias mais tarde, a lista de nomes que passo a transcrever. Perfazem uma dúzia. Deus permitisse que conseguisse enviar muitas dúzias de pedidos de assinatura, para que a Voz e a Palavra de Deus chegasse ao maior número possível de lares portugueses, para que a chama da fé e da solidariedade se tornasse labareda que todos consumisse.»

Meus queridos amigos, a pequena quantia que aqui vos envio, mais não é do que uma ínfima parcela do quinhão de Deus. Com ela tentarei ajudar um auto-construtor a realizar o seu sonho. E, enquanto houver um honrado chefe de família sem uma casa decente para morar, dele me confesso devedor até à morte.

P. S. — A propósito: Se todos os que vivem em casas confortáveis tivessem uma cadelinha que lhes «ladrasse» à consciência, como a mim «ladrrou» a «Pequenina», e lhes lembrasse a sua já grande dívida para com o quinhão de Deus, levando-os a economizar no supérfluo e remetê-lo aos Pobres, estou certo que o problema habitacional dos auto-construtores estaria com melhor solução, e... até não faltariam boas casas para os próprios cães!»

VOZ DE EMIGRANTES

«Piei para o sr. Padre Manuel; piei para o sr. Padre Telmo; piei para a sr.ª D. Augusta, manifestando minha saudade por O GAIATO, de quem não recebi resposta!

Há dias, porém, chegou cá O GAIATO n.º 889 que eu recebi quase como se fora carta de família que eu aguardasse com saudosa ansiedade! Este pequeno-grande Mensageiro veio recordar um pouco do muito que me deu a conhecer e estimar nos já longos anos em que o pude ler com regularidade — interrompida pelos Ventos da História que na sua fúria desmantelaram ou partiram os fios que me ligavam ao que era querido ao meu coração e sentir e que eu gostaria de ver reatados.»



«Minha alma se enche sempre de alegria e felicidade com vosso jornal, o qual depois de lido o dou a outros irmãos portugueses para que pensem no que é belo neste mundo!»

VOZ DE JOVEM

«Queridos amigos.

Junto envio 500\$ para as vossas obras. Não quero terminar sem vos dizer o quanto aprecio e gosto da vossa Obra. Leio o vosso jornal, pois o meu pai é assinante e, portanto, está sempre cá em casa. Um dia que tenha a minha casa também o assinarei. Para já não é possível.

É pouco a quantia que vos envio, mas sempre que seja possível o farei. Para já não pode ser muito pois sou jovem estudante. Gostava que rezassem pelos meus estudos para que tudo corresse bem. Deus vos abençoe a todos e vos ajude a cumprir a vossa Obra, pois na sociedade actual cada vez vocês são mais precisos. Há tanta criança infeliz! Que Deus vos ajude.

Por hoje é tudo. Um abraço de amizade para todos vocês. Contem amigo. Muito obrigado por tudo que fazem.»

OBRA DA RUA

«Desde 1974 que estou em falta com a Obra da Rua como família de fora, na qual me incluo, pois fazem-me falta estes laços espirituais, mas com a qual família me tenho portado muito mal no que se refere aos meus deveres.

Situo a data do meu desleixo, para me desculpar, talvez, do muito que me tem perturbado toda a transformação do mundo que me cerca. Eu sei que a Obra da Rua não vai acabar «por desnecessária». Eu sei que Pobres cada vez mais os teremos. Eu sei que as injustiças cada vez são mais e maiores, mas o certo é que me atrasei com o pagamento da assinatura de O GAIATO, aquele que tanto nos ajuda através de todas as mudanças e todas as dificuldades.»



«A vossa carta a acusar a minha modesta ajuda, deixou-me um complexo de culpa. Eu apenas pedia que no jornal, em qualquer rubrica — «Calvário», «Do que nós necessitamos», «Notícias da Conferência de Paço de Sou-

sa», etc., pois leio tudo — fosse mencionado que o assinante n.º tal mandou notícias e nada mais. Deixou-me a consciência pesada saber que, para me sossearem, gastaram uma importância que tanta falta vos faz.»



«Serve este cartão para lhe dizer que eu e minha família estamos ao corrente do que se passa com os nossos irmãos gaiatos e acompanhamos com o maior interesse os vossos passos, sentindo as vossas alegrias, os vossos triunfos e, como família, também os vossos fracassos. Graças a Deus, aqueles são maiores do que estes.»



«A vossa Obra é maravilhosa, pois vai dando alimento físico a uns e espiritual a todos quantos vos queiram conhecer. Portanto, creio que Deus continuará a dar-vos forças para prosseguirem no meio desta agitação que é o mundo actual.»

«Sou de Setúbal e sempre que vejo um dos vossos rapazes a vender O GAIATO compro sempre.

Porém, há meses que estou cá em Vila Real de Santo António e não fazemos uma ideia a falta que sinto.

Resolvi então fazer-me assinante e tentei procurar saber quanto poderia custar a assinatura. Informaram-me mais ou menos essa quantia que agora envio.

Se acaso se acham lesados agradeço-me digam, porque gosto muito da sinceridade e é isso que noto em O GAIATO e que o torna tão atraente.»



«Vivo em Meleças há quase 20 anos. Quando vou a Lisboa e acontece encontrar um gaiato..., claro, compro sempre O GAIATO.

Quando o leio há sempre um despertar de consciência, de responsabilidades.

Vou inscrever-me como assinante de O GAIATO. Aliás todos os portugueses deviam fazê-lo! Penso assim, mas o tempo passa e com ele o esquecimento...»

Nem só o doce é condimento

«Caros Amigos:

Agradeço que suspendam imediatamente a minha assinatura. Há meses que alguém se lembrou de mandar o meu nome; há meses que sofro, quinhenalmente, a dor de ver a decadência do jornal que era o melhor do mundo, no tempo do tão saudoso Pai Américo. Fui assinante durante muitos anos, desde 1950, quando ainda vivia em Angola, onde nasci e cresci. Mandei todo inteiro, para a Obra da Rua, o meu 1.º ordenado; arranjei-lhes dezenas de assinaturas de O GAIATO. Tenho toda a obra do Pai Américo. Mas O GAIATO desceu arrepiativamente de nível e já nem sequer sabem seleccionar as cartas que os leitores escrevem. A carta a que dão tanto realce neste n.º 903 — que quero que seja o último que receba — é uma idiotice pegada e as «contas» uma falsidade ridícula. O comentário não lhe fica atrás — se só as «revoluções interiores» são «dignas e eficazes» os Po-

bres terão de esperar outros 2.000 anos para nada! Então a justa distribuição da riqueza não se pode fazer sem as «revoluções interiores»? Amo a Obra da Rua. Acho que devemos partilhar os nossos bens com os que estão em necessidade. Mas como bem dizia o Pai Américo, devemos, acima de tudo, lutar para que ela não seja precisa. Para esta luta é que O GAIATO devia orientar os seus leitores; esta é a luta sem falsidade — a luta pela justa distribuição da riqueza, que o mesmo é dizer a luta por um autêntico socialismo.»



«Venho pedir que deixem de me enviar O GAIATO pois, infelizmente, não consigo que seja lido por ninguém nesta casa. Vou substituí-lo por outro, católico, mas que desperte o entusiasmo e interesse dos meus filhos e marido.»

AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA pág.

do como é que o sexo feminino constitui o repositório mais qualificado das energias e valores morais e o elemento fundamental da estrutura familiar e, consequentemente, da formação e educação dos filhos. Para a destruir ou abalar na sua dignidade, tendo em conta as suas características psicológicas e somáticas, não falta quem lhe proponha vida fácil e espevite a vaidade ou busque induzir, com promessas falaciosas, a «liberdade» do prazer hedonista, o amor livre à maneira das simples bestas, o luxo inebriante ou a negação de si própria.

A grandeza da mulher atinge o seu mais alto cume quando se torna mãe. E só ela pode sê-lo. E só ela, por natureza, é capaz de dar à criança, mesmo quando não sofreu as dores do parto, o carinho, a afectividade, a compreensão e um conjunto de requisitos de que o homem não é capaz. As excepções só confirmam a regra e por mais manifestações, tantas vezes ridículas, que se possam fazer, queimando símbolos femininos ou coisas equivalentes, ninguém espere ver os homens morrerem ao dar à luz...

Porque a dignidade da mulher atinge a sua maior expressão ou índice

quando se torna mãe, não admira que se ponha em causa a sua maternidade, falando-se-lhe no «direito ao seu próprio corpo» e induzindo-a a uma pretensa libertação da escravatura do homem ao fazer-se a apologia criminosa da hedionda prática do aborto.

Todos nascemos de uma Mulher. Porventura até, alguns de nós, possuiremos razões de queixa de não termos tido a mãe que deveríamos ter, responsável e capaz. No geral, porém, por mais pobre, iletrada ou fraca que tivesse sido ou seja a nossa mãe, jamais a poderemos esquecer ou deixar de a apreciar. Mesmo os que a não conhecemos ou perdemos em pequenos, jamais poderemos olvidar a relação existente entre nós e ela.

Escrevemos por amor à criança e em defesa dos seus direitos. Ao fazê-lo, porém, queremos prestar as homenagens filiais mais sentidas às mães que nos geraram nos seus seios, nos embalaram nos seus colos, nos acariciaram e beijaram e, porventura, para lá do mais, se privaram da boca para nos matarem a fome. Mulheres dignas e fortes, capazes de serem mães, são condição indispensável para a felicidade das crianças. Importa que tudo se faça, pois, pela maternidade, não bastando dizer-se, como no artigo 68.º

da Constituição — n.º 1, que «o Estado reconhece a maternidade como valor social emi-

nente, protegendo a mãe nas específicas exigências da sua insubstituível acção quanto à educação dos filhos e garantindo a sua realização profissional e a sua participação na vida cívica do País».

Mães do mundo inteiro, em particular Mães de Portugal, nós vos agradecemos tudo o que nos desteis, a come-

çar pelo dom da vida. Queremos, Mulheres que sois, respeitar a vossa dignidade, que nossa é também. E se alguns de nós vos invocamos por instinto, que não por amor; ou se não as temos; ou se tendo, não as conhecemos; ou se conhecendo, elas nos abandonaram — que Deus lhes perdoe pela falta que nos fizeram e pelas carências que nos motivaram, porque há fraquezas humanas que nos escapam e não queremos ser juizes.

Padre Luiz

Calvário

Laboriosamente trabalhadas pelos canteiros (ainda estou a ouvi-los cantar: «ó pedra, ó linda pedra») as pedras graníticas que ombreiam o portão de entrada da nossa quinta estavam muito quietas e inofensivas há cerca de vinte anos. Ali postas no seu sossego eram as primeiras e as últimas a saudar quem nos visitava.

Ontem, porém, pela calada da noite, vândalos das proximidades, munidos de ferros, deitaram-nas por terra. O silêncio da noite só foi quebrado pelo estrondo da queda das inocentes. Estas não geram. Quedaram-se tristes na terra húmida.

Destruir o que outros fizeram é fácil, mas infelizmente é lema actual. Contudo só destrói quem já está destruído e não pode que os outros o não estejam, mesmo que sejam pedras de cantaria. Não venho aqui lamentar os diversos materiais que por aí se fazem a torto e a direito. A destruição material não é a mais grave. A mais grave e penosa é a praticada na vida de tantos seres humanos, que pelos outros outros são por vezes atirados para as valetas.

Esta semana, de pilha na mão, que a noite caíra escura, subo a serra fronteiriça ao Calvário. A estrada asfaltada torna-se lamacenta, esburacada. Vou devagar. Mas, mesmo mau, o caminho para viaturas finda. Eucaliptos esguios tornam a noite mais negra. O carreiro leva-me a um barranco.

— É ali — diz-me a acompanhante. A barreira geme água por todos os lados. Encostada àquela uma pequena barraca. Chamamos e mulher desgredada e mal vestida surge à porta. A pilha clareia-lhe o rosto espantado com a inesperada visita. Entramos no pequeno antro para conversar e dizer ao que vimos. O quadro dispensa o mais leve inquérito sobre a necessidade de levar para o Calvário esta pobre doente. As paredes derramam água e alagam todo o piso da barraca. Neste o colchão deixou-se embeber e está todo húmido. Ao lado alguns pratos sujos, uma panela de ferro sobre lenha apagada e alguns trapos perdidos. Nem móveis, nem aconchego de espécie alguma. Os homens da idade da pedra não viviam, por

certo, em piores condições. Tinham certamente outras defesas e amparo que esta mulher não possui, porque vive só e abandonada. Ela é na verdade viúva mas tem filhos que a rejeitaram há anos. Hoje têm vergonha dela. O vício do álcool tornou-se a partir de então a razão do seu viver. E aquele fê-la na verdade um ser humanamente de presença incómoda.

— As crianças que passam para a escola — diz-nos ela — apedrejam-me a porta todos os dias. As vezes tenho medo de estar sózinha.

Esta mulher é uma pedra atirada para a valeta. E, porque assim é vista pelos vizinhos, não admira que os filhos destes a apedrejem. Mas quem a fez tombar na miséria em que se encontra? A sociedade. Primeiro a familiar, depois a local, depois... quem sente remorsos? Se de facto isto acontece é que há qualquer coisa de profundamente errado na sociedade. Os homens hoje quase só se alimentam e deixam arrastar por sentimentos negativos, como o egoísmo, o ódio, a inveja, a rivalidade, o desprezo, a má vontade, o escárnio e tantos outros que comandam o seu agir. E daí resulta que muitos sejam violentamente rejeitados, escarnecidamente marginalizados, esquecidos, ignorados pelos semelhantes.

As pedras caídas na entrada do nosso portão, fizeram-me lembrar tantos seres humanos, que tenho deparado, como esta mulher em perfeito abandono, atirados para a miséria de modo consciente ou inconsciente pela sociedade, sempre vítimas de agressão. Ele há tantas formas de agressão!

Na manhã de hoje começámos a colocar as pedras do nosso portão no seu posto. Começam a sorrir de lavadas. Se os homens repusessem os caídos no seu devido lugar quantos sorrisos por aí não haveria.

Padre Baptista

NOTA DA REDACÇÃO — O livro «O CALVÁRIO» está ao dispor dos nossos leitores. Escreva à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

FESTAS

As Festas são já o grande acontecimento do dia-a-dia em nossa comunidade de Paço de Sousa — como acontecerá nas restantes — dos «Batatas» aos mais crescidos que, além das horas normais de trabalho e estudo nocturno, colaboram no elenco artístico.

Lá fora, enquanto a empresa do Cine-Teatro S. Martinho, de Penafiel — aqui ao pé da porta, na sede do nosso concelho! — aceita(ria) a nossa presença a peso d'ouro, surgem contrastes que devemos realçar:

— Tá lá?

— Sim senhor. É da Casa do Gaiato.

— Olhe, amigo, a data fica assente... definitivamente. Só que a empresa queria 15 contos d'aluguer. Não podia ser! Esclareci. Baixaram para 5 contos. Agora... eu também tenho uma palavra a dizer: — São apenas dois contos e quinhentos.

De outro lado, o mesmo espírito vivifica a grande força da Amizade:

«Aproveitamos a oportunidade para rectificar que nunca alugámos o nosso Teatro à Casa do Gaiato. Temos, sim, cedido gratuitamente a nossa casa para os vossos espectáculos.»

Esta carta de Gavião é mais um documento elucidativo:

«Este ano (1978) tive a sorte de poder ir a Lisboa, ao Monumental, assistir à vossa Festa que sempre me comoveu muito. Tenho tanta pena que esta zona do País não vos convide também! Já dei toques para Portalegre e Abrantes. Esta cidade já vos convidou, há dois anos, mas agora encolhe-se. E Portalegre não se resolve. Temos que rezar muito para que nos consciencializemos de que somos todos irmãos e que tem de haver entre-ajuda, partilha, amor entre nós. São estas as grandes armas, não é?»

Ninguém diria mais nem melhor.

Para a zona norte, excepto Arrifana e mais três ou quatro localidades, a longa peregrinação está confirmada. Aí vão as datas — com a do Coliseu alterada para 19 de Abril. Ninguém fique em casa, com os olhos no televisor!

Júlio Mendes

25 de Março — Amarante Cine-Teatro — AMARANTE

27 » » — Teatro Avenida — AVEIRO

3 » Abril — Cinema S. Geraldo — BRAGA

Bilhetes à venda: Vigararia Episcopal — R. S.ta Margarida, 8 — Braga

6 » » — Cine-Teatro Augusto Correia VILA NOVA DE FAMALICÃO

11 » » — Teatro S. Pedro — ESPINHO

17 » » — Cine-Teatro Caracas - OLIVEIRA DE AZEMEIS

19 » » — COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54 e bilheteiras do Coliseu

25 » » — Teatro Ribeiro Conceição — LAMEGO

Os bilhetes estão à venda em cada uma das referidas salas.



Gaiato

Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa